

BUROCRACIA E ALIENAÇÃO

Uma discussão sobre os temas na obra de Marx e Weber

Kátia Marly Mendonça BARRETO

Departamento de Ciências Sócio-Políticas da UFPA.

RESUMO: A partir da análise da burocracia na obra de Weber, discute-se a relação do tema com a questão da alienação e os diferentes prismas sob os quais Weber abordou o problema.

PALAVRAS-CHAVE: Burocracia, Alienação, Racionalidade, Dominação, Carisma, Estado.

BUREAUCRACY AND ALIENATION

An Examination of the Topic as Presented in Marx and Max Weber's Work

ABSTRACT: Starting with the analysis of bureaucracy drawn from Weber's treatise, a discussion is given linking this topic with the issue of alienation by reference to the differing prisms through which Weber viewed this interrelationship.

KEY WORDS: Bureaucracy, Alienation, Rationality, Domination, Charisma, the state.

"A secura interior, a monstruosa mistura de sensibilidade para os detalhes e indiferença para o todo, o enorme desamparo do ser humano num deserto de minúcias, sua inquietação, maldade, a incrível frieza do coração, cobiça, crueldade e violência que caracterizam nossa era, seriam, segundo esses relatos, resultado dos prejuízos que um aguçado pensamento lógico traz à alma!"

(Roberto Musil "O Homem Sem Qualidades")

Tanto Marx quanto Weber, espectadores da modernidade introduzida pela expansão do capitalismo, idêntificam neste último dois aspectos sobre os quais centrariam sua atenção por considerá-los como fundamentalmente constitutivos das relações sociais modernas, respectivamente: ALIENAÇÃO E RACIONALIDADE, sobre as quais ambos empreenderam reflexões que se constituem em verdadeiras críticas sobre o mundo moderno.

Para Marx, uma das principais características da sociedade capitalista é a alienação do homem no processo produtivo e nas relações sociais. A alienação se processa não apenas sob o aspecto material (estranhamento do trabalhador em relação aos meios de produção e ao produto), mas também no plano das consciências individuais e coletivas, ou seja, o homem em relação às suas potencialidades, a si mesmo e aos seus semelhantes.

Weber não irá trabalhar de modo sistemático com o conceito de alienação ou preocupar-se especialmente com as questões que referem-se às relações travadas no interior do processo produtivo. Em Weber, a questão da alienação encontra-se subjacente à sua obra. E, em que pese o fato de sua preocupação com a liberdade individual ter um caráter liberal-burguês,

é marcadamente instigado por ela nas críticas que tece ao domínio da burocracia sobre a sociedade, e onde vamos encontrar um campo propício para reflexões em torno do tema da alienação.

As análises de Weber têm, na verdade, dois aspectos: por um lado, avalia a burocracia sob o ponto de vista técnico, enquanto quadro administrativo e como forma de organização da dominação racional-legal.

Por outro lado, avalia a burocracia do ponto de vista político, enquanto tipo de dominação, decorrente do processo de racionalização crescente no mundo contemporâneo e, portanto, inescapável. E por fim, a encara sob o ponto de vista existencial em seus efeitos sobre o destino do homem. Esses três níveis de análise não são isolados mas sim imbricados, envolvendo aspectos que denunciam a forte presença da alienação nas relações sociais modernas, o que tentarei analisar a seguir.

I

Se Marx em sua obra demonstra revolta e angústia com o destino alienado a que foi submetido o homem na sociedade capitalista, Weber não deixa de demonstrar a mesma preocupação com a questão, que se transforma em tema recorrente em sua obra. É nesse sentido que se destaca serem tanto Marx quanto Weber autores, entre outros, com forte teor existencialista, preocupados com o desaparecimento do indivíduo e sua coisificação.

De maneira implícita, o desaparecimento do indivíduo tragado por organizações articuladas ra-

cionalmente é tema existente tanto na teoria weberiana da burocracia quanto em seus escritos políticos e de sociologia da religião.

E é neste sentido, do indivíduo tragado pelas organizações, esmagado pelas relações burocráticas e fragmentado em sua individualidade, que utilizaremos o conceito de alienação e, por extensão, faremos uma leitura de Weber.

"A pessoa concreta inexistente, seu lugar é ocupado por aptidões e capacidades valorizadas pelo sistema, dá-se a coexistência da onipotência do Estado e da impotência do indivíduo". (TRAGTENBERG, 1980, p. 135)

A racionalidade será para Weber a essência da sociedade moderna baseada no cálculo e não obstante a perfeição "técnica" da burocracia, considerada por Weber, ela conduz à limitação do homem em termos do desenvolvimento de suas potencialidades.

A dissolução do homem, enquanto indivíduo no interior de organizações de massa, parece-me ser uma das grandes preocupações de Weber. Suas reflexões se tornam tanto mais trágicas na medida em que ele não compartilha com Marx de uma utopia capaz de mudar o destino do homem diante da burocratização inevitável do mundo.

BERMAN (1986) ressalta, em seus estudos sobre a modernidade, que Weber não acredita em seus contemporâneos. E é, para mim, essa ausência de fé que o conduz à postura crítica "resignada" apontada por COHN (1979), agregada, não resta dúvida, a uma visão do mundo profundamente influenciada por sua situação de classe, onde o intelectual burguês apresenta fortes traços aristocráticos e um certo desprezo em relação as massas

Em seus estudos sobre a dominação racional-legal, Weber destaca alguns aspectos presentes na burocracia, enquanto forma de organização e distribui-

ção do poder, típica do Estado e sociedades modernas, que se configuram em mecanismos de alienação.

Em primeiro lugar, a ocupação do cargo é uma profissão que requer treinamento rígido. O treinamento surge como um instrumento capaz de otimizar a divisão do trabalho e especialização, adotando o caráter de adestramento, ou seja, treinam-se os ocupantes de postos burocráticos, mas não se lhes garante uma educação que vise a desenvolver aspectos ou potencialidades de um homem integral, até porque o desenvolvimento destas colocaria em risco a estrutura de dominação, que tem como constitutiva de sua essência a fragmentação presente na hierarquização dos postos e cargos.

É na verdade o treinamento que irá, juntamente com outros mecanismos, ter papel decisivo na incorporação do homem à organização, fundindo-o a ela e dando-lhes a aparência de um único corpo. É a sala de aula, o locus que, com instrumentos psicológicos adequados, reincorporará ao indivíduo a sociabilidade perdida no cotidiano, porém, desta feita, a sociabilidade emergirá com feição e características imprimidas pela organização e de acordo com os seus objetivos.

Em segundo lugar, a organização burocrática irá exigir especialização crescente em suas tarefas. Quanto mais cresce a burocracia, maior o grau de especialização exigido de seus componentes. Weber irá considerar a divisão do trabalho, fonte da especialização, como de promotora da fragmentação perniciosa do indivíduo, em um processo de agressão à sua liberdade.

A concepção marxiana da divisão do trabalho, marcada pela anarquia da concorrência na sociedade e pela rigidez da racionalização na fábrica, irá ecoar em Weber principalmente quanto ao segundo as-

pecto: essa especialização (a "vocação" da "Ética Protestante") se por um lado é fonte de alienação do indivíduo, por outro é fonte de poder para a estrutura burocrática.

Weber não associa a especialização/divisão do trabalho unicamente a uma forma de organização social calcada na propriedade privada - o modo de produção capitalista -, como quer Marx, logo, passível de destruição com a abolição da fonte geradora, mas sim como decorrente principalmente da racionalidade, portanto, tendente à permanência qual quer que seja o modo de produção. Isso o diferencia de Marx e é decisivo para delinear as diferentes visões do mundo de ambos autores.

Em terceiro lugar, através de contratos livres de trabalho o funcionário estabelece uma relação de dever e fidelidade dedicados a fins im pessoais e funcionais.

A fidelidade, indicará Weber, irá definir a estrutura interna das relações na burocracia e dar-se-á em relação ao cargo e não à pessoa do superior hierárquico. Ou seja, elementos como disciplina e obediência, envoltos no véu da fidelidade, se impõem pessoalmente. Neste caso, o funcionário despe-se de sua subjetividade, na proporção em que incorpora em si o cargo, "torna-se o cargo" (o burocrata alienado não consegue separar-se de sua função perdendo contato com o seu próprio eu, não se reconhecendo a não ser quando investido no cargo). Marx destacaria que "o seu espírito próprio escapou-lhe e sua finalidade situa-se fora de si; e sua existência transforma-se em existência do Bureau". Neste processo, o indivíduo renuncia a si próprio, aliena-se, em troca de uma vida segura.

"O ingresso no cargo, inclusive na economia privada, é considerado como aceitação de uma

obrigação específica da administração fiel, em troca de uma existência segura". (WEBER, 1982, p. 232; grifos meus)

Por outro lado, essa lealdade engendra, também, alienação em relação aos outros na medida em que a fidelidade é impessoal, relativa aos cargos e funções da hierarquia, jamais, no tipo puro, às pessoas.

Em quarto lugar, o funcionário desfruta de um status, uma honra social específica que reforça os elementos estamentais da organização burocrática. Enquanto que na fábrica, o operário vive em permanente tensão com o capital, os dirigentes, em razão de condições materiais adversas de trabalho. Nos escritórios, há uma tendência para o burocrata ser cooptado não apenas por melhores (em relação às linhas de montagem industriais) condições materiais de trabalho, mas também através de mecanismos simbólicos, tais como dimensão dos móveis que utiliza, distribuição dos mesmos no espaço físico (layout), titulação dos cargos, prêmios à produtividade, diplomas, etc., os quais mediam as relações sociais. Isso, acredito, irá reforçar a presença de relações estamentais, baseadas na honra social, portanto, em símbolos, no interior das organizações e da sociedade. Irá também reforçar a dominação dos estamentos burocráticos sobre a sociedade, na medida em que eles, por medo de perder esses componentes honoríficos, que, na verdade, se constituem em base para possível apropriação de bens e oportunidades, mais aperfeiçoarão mecanismos de controle e mais aumentarão suas tarefas e áreas de interferência, num burocratismo que se configura em substituição da racionalidade substantiva pela racionalidade formal, ou seja, dos fins pelos meios, na intenção de ampliar o poder daqueles que gerem esses meios.

Em quinto lugar, temos a disciplina e o controle, elementos chaves para a manutenção dos funcionários com os corações e mentes atrelados apenas e somente as suas esferas de obrigações. Elementos esses impostos através de Regulamentos de Pessoal, Regulamentos Disciplinares, etc, muitos dos quais orientam a vida do indivíduo não apenas dentro da organização, mas também seu comportamento externo à ela. Weber, brilhantemente, percebe isso ao indicar a existência do que se poderia denominar de "processo de escravidão informal" a que são submetidos os funcionários burocráticos:

"A disciplina e o controle rigorosos que ao mesmo tempo levam em conta o senso de honra do funcionário e o desenvolvimento de sentimentos de prestígio estamental, bem como a probabilidade de críticas públicas, funciona no sentido da mecanização rígida. Com tudo isso o aparato burocrático funciona com mais firmeza do que qualquer escravização legal dos funcionários". (WEBER, 1982, p. 232)

Ao lado dos elementos simbólicos que buscam o consenso nos indivíduos, o controle e a disciplina seriam os elementos coercivos, os fatores repressivos que atravessam as relações travadas no interior das organizações, por vezes muito mais rígidos à medida que se ascende na hierarquia organizacional.

Nesse contexto, Weber adverte que, frequentemente, dentro da burocracia, "a medida de 'independência' legalmente assegurada pela ocupação de um cargo, nem sempre é fonte de melhor status para o funcionário, cuja posição tem essa garantia. Na sociedade, com freqüência ocorre o inverso, especialmente nas velhas culturas e comunidades altamente diferenciadas nas quais quanto mais rigorosa a subordinação ao domínio arbitrário do senhor, tanto mais garantida fica a manutenção de um estilo de vi-

da senhorial convencional para o funcionário". (WEBER, 1982, p. 236)

Verifica-se que quanto mais comprometido com a cúpula decisória de uma organização, quanto mais próximo das esferas decisórias, melhor status goza o funcionário, entretanto, menos independente ele é. Os executivos atuais escravizam-se mais do que aqueles funcionários que ocupam posições de menor nível hierárquico no interior da estrutura organizacional. Isso envolve um compartilhar de medos, segredos e esperanças existentes ao nível diretivo das organizações que, ao meu ver, são maiores principalmente em sociedades com forte conteúdo tradicional e patrimonial em sua cultura.

Patrimonialismo-burocrático, presente com tanto vigor em países como o Brasil, vai gerar aquele dirigente de organização que encara os recursos humanos e a estrutura como propriedades suas. Isso ocorre com maior ênfase na administração pública, onde é elevado o nível de comprometimento e dependência daqueles que ascendem na hierarquia, em relação aos superiores.

Weber destaca que a integração do funcionário nas condições funcionais fornecidas por tais mecanismos é facilitada pelo "caráter impessoal do trabalho burocrático, com sua separação entre a esfera privada e a esfera oficial do cargo" (WEBER, 1982, p. 243)

Ou seja, aproximando-se de Marx, Weber demonstra em sua reflexão que a alienação material leva à alienação espiritual do homem. Na medida em que é separado dos meios de administração, o indivíduo sofre a perda de sua identidade e de sua consciência crítica, por um lado, enquanto que, por outro, ocorre o fortalecimento de uma consciência estamental que o conduz a se "subordinar ao chefe

sem manifestar qualquer vontade própria" e à criação de um verdadeiro exército de medíocres.

Ao associar burocracia e racionalidade no contexto de uma sociedade cada vez mais exigente desta última, Weber destaca a "superioridade técnica" da burocracia sobre qualquer outra forma de organização. Neste sentido, é que Weber considera a burocracia como superior, sendo, portanto, um erro considerá-lo como seu apologista.

Ao delimitar o espaço de competência da burocracia à questão técnica, Weber deixa teoricamente um espaço para empreender uma crítica da burocracia sob o ponto de vista político e existencial.

II

Sob o viés da dominação política, a preocupação liberal de Weber com a manutenção dos direitos individuais em uma sociedade e diante de um Estado burocratizados ao extremo, se exprime principalmente em textos políticos como "Parlamentarismo e Governo em uma Alemanha Reconstruída", onde Weber faz uma reflexão sobre as relações entre democracia e burocracia e onde se impõe a questão: é possível a democracia em uma sociedade e Estado calcados na racionalidade e tendo sua dominação organizada de modo burocrático?

Para Weber, a única forma de se contrapor a um Estado forte é fortalecendo o Parlamento o que só é possível através da profissionalização de seus membros nos assuntos pertinentes à gestão do Estado. Deve o líder parlamentar apreender sobretudo os segredos da burocracia, principalmente através de participação em comissões parlamentares de inquéri-

to.

Apesar de "democratizar" aparentemente as relações na medida em que promove um nivelamento das diferenças, onde as regras e os sistemas de recrutamento baseados no mérito e não nas preferências pessoais são iguais para todos, promovendo uma igualdade formal, a burocracia tende a se erigir em estamento relativamente autônomo diante da sociedade e entrar em conflito com as lideranças políticas.

Dirá Weber que burocracia e democracia de massas caminham juntas. Porém, ressalta que neste caso democratização não significa "minimização da capacidade governativa do funcionário público em favor do maior domínio direto possível da demos, que na prática significa os respectivos líderes partidários da demos. O aspecto mais decisivo no caso é o nivelamento dos governados em oposição ao grupo dominante e burocraticamente articulado, que por sua vez pode ocupar uma posição bastante autoritária, tanto de fato como na forma". (WEBER, 1982, p. 263)

Ora, o decisivo na análise de Weber está em destacar por assim dizer, as diferenças entre igualdade real e formal do indivíduo no Estado moderno. A democracia nas sociedades modernas significará, segundo Weber garantia de uma "acessibilidade universal aos cargos" contra o "desenvolvimento de um estamento fechado de funcionários" e, por outro lado, "minimização da autoridade do funcionalismo no interesse da expansão da esfera de influência da 'opinião pública'". (WEBER, 1982, p. 262)

Porém, a democratização assume o caráter de "democratização passiva", que se configura no nivelamento dos governados e não no seu real acesso e

influência sobre as esferas decisórias do Estado.

Bem destacou Tragtenberg a respeito: "daí prevenir Weber contra a tendência a exagerar o paralelismo entre burocracia e democratização; sob influência dos diplomas credenciadores pode ela estamentalizar-se, ela se realiza como nivelção dos dominados e como participação passiva" (TRAGTENBERG, 1980, p. 141-42)

Para Weber, "A necessidade de uma administração permanente, rigorosa, movida pelo cálculo racional (...), determina o caráter das burocracias como medula da administração de massas". (WEBER, ap. TRAGTENBERG, 1980, p. 141)

Se burocracia e democracia de massas caminham juntas, o processo leva ao fortalecimento de um poder estamental sobre a sociedade, na medida em que "assim como a burocratização cria a nivelção estamental (...), toda nivelção social, (...) fomenta ao contrário a burocratização que em todas as partes é a sombra inseparável da crescente democracia de massas". (WEBER, 1984, p. 180)

Ou seja, é um círculo de ferro, onde se caminha da nivelção social para a burocratização e desta para o domínio estamental da burocracia sobre a sociedade. Nivelção social, bem entendida, como igual possibilidade formal de acesso "ao recrutamento dos mais qualificados" para ocupar os postos burocráticos.

Contraopondo-se ao domínio da burocracia, dos funcionários, teremos, segundo Weber o líder político, que apesar de pertencer à outra máquina burocrática - o partido se diferencia do burocrata na medida em que este obedece ordens e mesmo que a ela objetasse, se o seu superior nela persistisse seria seu dever e "até seu motivo de orgulho executá-las como se isso correspondesse a sua convicção mais

intensa, demonstrando, assim, que sua consciência do dever coloca-se acima de suas preferências pessoais". Quanto ao político, este trabalha na esfera da luta pelo poder pessoal e da responsabilidade pessoal disso resultante.

A postura "típica" do burocrata, além de revelar o extremo grau de alienação das relações travadas na esfera da burocracia, mostra que estas são orientadas pela subserviência, enquanto na política o são de responsabilidade. A essa dicotomia agrega-se outra, que é preocupação recorrente em Weber, rotinização e criatividade. A primeira, atributo das relações burocráticas, a segunda das relações travadas no Parlamento. Sobre essa dualidade, que por assim dizer torna-se o Busílis das suas reflexões sobre a democracia, ele pergunta.

"Em vista da crescente indispensabilidade da burocracia estatal e sua correspondente ampliação do poder, como poderá haver qualquer garantia de que permanecerão em existência forças que possam conter e controlar eficazmente a tremenda influência desta camada? Mesmo neste sentido limitado, como será a democracia de todo possível?" (WEBER, 1980, p. 26)

A tensão entre os aspectos "construtivos" e das instituições e organizações sociais subjugadas pela racionalidade, foi destacada, com propriedade por N.S. Eisenstadt como sendo o interesse central para Weber (EISENSTADT, 1968). Creio que esta tensão, característica da vida moderna envolve também o exercício, a efetividade da democracia, a qual Weber, de maneira pessimista, vê muito mais envolvida em aspectos construtivos do que o contrário.

Esses aspectos estariam relacionados com a rotinização do poder advinda da burocratização das estruturas de poder. A única forma de romper com isso seria para Weber a instituição de um Parlamento for

te, o que também é difícil, porém não impossível, em razão do diletantismo daqueles que detêm o poder parlamentar, por isso incapazes de contrapor-se eficazmente às fontes de poder da burocracia: segredo e saber especializado.

O caminho para romper com o poder da burocracia de Estado seria a formação de políticos profissionais, com experiência na máquina administrativa, que, assim, exerçam a supervisão eficaz sobre a máquina estatal. Esse elemento, o parlamentar profissional, aquele que exerce a política como vocação e "não como ocupação de meio período" é "tecnicamente indispensável" segundo Weber. Paradoxalmente, para conter o Estado construtivo, Weber vai mais longe e chega a sugerir que qualquer forma de organização estatal seria válida, desde que fosse comandada por um político profissional.

"Não me importo com a forma do Estado, se somente políticos e não tolos diletantes como Guilherme II e congêneres, governam e país... No momento não vejo outra saída além da parlamentarização impiedosa - nem que seja apenas para imobilizar esses incompetentes. Os funcionários públicos devem ser subordinados ao Parlamento. Completamente e sem exceção. São técnicos... As formas do Estado são para mim técnicas como qualquer outro mecanismo. Eu atacaria o Parlamento e defenderia o monarca, se este último fosse um político..." (carta ao Prof. Hans Ehrenberg, ap. MAYER, 1985, p. 60)

A busca da subordinação completa da burocracia estatal, independente da forma do Estado, define os limites das proposições políticas de Weber entre o liberalismo e um conservadorismo de feição aristocrática (a duas categorias ele despreza: os "filisteus burgueses" e os "burocratas sem espírito").

Além disso, Weber destaca que os representantes parlamentares são escolhidos por máquinas burocráticas, os partidos políticos - normalmente pela cúpula, com marginalização da base partidária, em um processo que posteriormente Robert Michels chamaria de "lei de ferro da oligarquia".

Nesse contexto, Weber pergunta:

"Como pode dar-se alguma garantia, em presença do caráter cada vez mais imprescindível do funcionamento estatal - e do poder crescente do mesmo que disso resulta - de que existem forças capazes de conter dentro de limites razoáveis, controlando-a, a enorme prepotência dessa camada, cuja importância vai aumentando dia-a-dia? Acaso a democracia só será também possível nesse sentido limitado?" (WEBER, 1984, p. 1075; grifos meus)

Weber tem consciência de que a democracia na sociedade moderna é muito mais formal que real (aliás como tudo que é envolto pela racionalização: tende a cair no formalismo). Os limites, restrições à democracia, situam-se não apenas na esfera estatal, mas na esfera dos partidos políticos, também máquinas burocráticas. Mas, apesar disso, as lideranças parlamentares são necessárias para garantir um mínimo de liberdade individual e equilíbrio entre lideranças plebiscitárias e o Estado. Quanto às primeiras, elas se configuram para Weber no domínio do irracional, na medida em que a democracia de massas leva ao poder líderes carismáticos, "vértices irracionais", como diria Marcuse, da racionalidade presente no Estado. É entre esses dois extremos que se debate a sociedade moderna.

Porém, não obstante isso, as democracias liberais capitalistas serão preferíveis, para Weber, ao regime político que possa advir de uma economia socialista a qual por exigir planificação central

só aumentaria, segundo ele, o poder da burocracia estatal e, a dualidade das instâncias burocráticas - pública e privada - presentes e em constante oposição no capitalismo, o que garantiria um mínimo de liberdade individual contra o domínio exclusivo da burocracia estatal, desapareceria sob o manto do Estado e de um modo "muito mais racional e por isso indestrutível". (WEBER, 1980, p. 25)

O cerne de sua divergência com Marx, quanto ao problema da burocracia encontra-se aí: o fim do capitalismo não significaria o fim das formas racionais de organização do trabalho, da racionalização de todos os setores da vida social, antes, pelo contrário, a centralização da gestão econômica exigiria uma máquina muito mais rígida, centralizada e monstruosa, e aí sim a burocracia estatal cristalizaria-se com muito mais vigor em estamento dominante.

Logo, depreende-se dessa posição que o problema da alienação do indivíduo não se esgotaria com a supressão da propriedade privada. Esta não representa, de modo algum, para Weber, o fator decisivo das relações sociais na sociedade moderna, antes o é a racionalidade, seja capitalista ou socialista o modo de produção.

"Pode-se conceber teoricamente uma alienação cada vez mais extensa do capitalismo privado, ainda que isto não constitua de modo algum uma tarefa tão fácil como podem sonhar alguns que não o conhecem. Porém, ainda suponho que se lograra alguma vez, isso não significaria praticamente de modo algum, contudo uma ruptura da aceleração da estrutura do moderno trabalho industrial, mas sim significaria, pelo contrário, que agora se burocratizaria também a direção das empresas estratificadas ou confiadas a uma forma qualquer de 'economia coletiva'". (WEBER, 1984, p. 1073)

As questões das burocracias estatais do Leste europeu no comando da vida econômica e privada dos indivíduos, torna as reflexões de Weber no mínimo atuais para discussão. A racionalização chegou ao paroxismo da irracionalidade com os meios substituindo os fins, a racionalidade formal substituindo a real naqueles países*. Para Weber, racionalidade e burocracia como sinônimos de modernidade e não de modo de produção:

"Sem dúvida, a burocracia não é a única forma moderna de organização, assim como a fábrica não é tampouco a única forma de empresa industrial. Mas ambas são, contudo, as que imprimem sua marca à época presente e ao futuro previsível. O futuro é da burocratização...". (WEBER, 1984, p. 1072)

É neste sentido que Marcuse e Adorno dirigem suas críticas a Weber: a análise da racionalidade técnica da sociedade, por ele empreendida, transforma a racionalidade em ideologia e se abstrai de fatos de ordem social - a razão burguesa-capitalista. Não vendo que a técnica é sempre um "projeto histórico social" de dominação. O fenômeno burocrático, para empregar um termo de Croizer, é também, para Weber, uma questão de dominação; porém, ao contrário de Marcuse, um fenômeno a-histórico, não superável e despidido de qualquer conteúdo de classe, revestido, isso sim, de uma roupagem estamental (as lutas na sociedade dar-se-iam principalmente ao nível dos estamentos).

III

A burocracia se caracterizará frente a outras

* A parte a questão se tais países atingiram ou não o socialismo, discussão não cabe neste espaço.

formas de organização racional da vida do homem "por sua inevitabilidade muito maior". Essa inevitabilidade leva Weber a levantar a seguinte questão:

"Como é possível em presença à prepotência dessa tendência para a burocratização salvar todavia algum resto de liberdade de movimento 'individual' em algum sentido? Porque afinal de contas constitui um ledor autoengano crer que sem as ditas conquistas da época dos 'direitos do homem' poderíamos - mesmo o mais conservador entre nós - sequer viver" (WEBER, 1984, p. 1072)

Essa angústia existencial não conduz Weber ao intelectual revolucionário, mas ao resignado, adjetivo que empresto de Conh. Angústia e resignação que se reflete em uma visão do homem submetido ao destino imposto pela racionalidade em suas relações sociais, racionalidade que Weber destacava ser um "manto de ferro" do qual a humanidade não poderia escapar. Uma máquina indestrutível porque eficaz.

Fazendo paralelo com a máquina Weber a comparara com burocracia: enquanto a primeira é a mente concretizada, a segunda, seria a "inteligência concretizada", uma "máquina animada".

"Juntamente com a máquina inanimada, a inteligência concretizada ocupa-se em construir a concha da servidão que os homens serão tal vez forçados a habitar algum dia, tão importantes quanto os felás do Egito antigo". (WEBER, 1980, p. 25)

Essa racionalidade que impregna todas as mentes modernas Weber a destaca que "a questão principal é o que poderemos opor a esse mecanismo para conservarmos uma parte da humanidade livre deste domínio total do ideal burocrático". (WEBER, ap. BEEN THAM, 1988, p. 90)

A questão traduz-se em uma preocupação com a liberdade e o individualismo burgueses que Weber erige em universais.

Assim como Marx, Weber toma a sociedade industrial como foco de análise e crítica e a alienação progressiva do homem total em favor do alienado está presente em ambos os autores.

Porém, Marx vê desde a origem, e em sua ausência, a burocracia como irracional, na medida em que a contradição entre racionalidade formal e real é característica permanente dela enquanto forma de gestão tipicamente burguesa, portanto, passível de ser eliminada com a alienação do modo de produção capitalista:

"Dados que a burocracia assume como conteúdo os seus objetivos 'formais', entre sistematicamente em conflito com os objetivos 'reais'. É assim obrigada a dar o formal como conteúdo e o conteúdo como formal. (...) A burocracia é um círculo ao qual nada pode escapar". (MARX, 1983, p. 72)

A conclusão pela inescapabilidade da burocracia é a mesma em Weber, que não condena a racionalidade, até porque, é no âmbito dela com sua consequente capacidade de previsão que o homem consegue exercer sua liberdade.

"O erro da suposição de que qualquer liberdade do querer - como quer que seja entendida - é idêntica à 'irracionalidade' da ação ou de que a última é condicionada pela anterior é óbvio. A característica da 'incalculabilidade', igualmente grande, mas não maior do que a das 'forças cegas da natureza' é privilégio do louco. Por outro lado, associa mos a medida mais alta de um empírico 'sentimento de liberdade' com aquelas ações que estamos conscientes de desempenhar racionalmente - isto é, na ausência de 'coerção' ff-

sica e psíquica, de 'afetos' emocionais e dis-túrbios 'acidentais', na clareza de julgamen-to em que buscamos um fim nitidamente conhe-cido através de 'meios' que conforme o alcan-ce do nosso conhecimento lhe são os mais ade-quados". (WEBER, ap. LOEWITH, 1977, p. 153)

Todavia, a perversão do sistema de dominação que Marx vê na essência da burocracia, Weber só vê quando a racionalidade formal toma o lugar da racio-nalidade real, ou seja, quando há a substituição dos fins pelos meios e não na burocracia em si, enquan-to forma de dominação, como o é para Marx.

Entretanto, é fato que a racionalidade moder-na que a tudo domina conduz a irracionalidade dos meios substituindo os fins, situações como as des-critas magistralmente por Dino Buzzati:

"Dezenas e dezenas eram os homens despertos, enquanto ele jazia na cama, enquanto tudo pa-recia imerso no sono.

'Dezenas e dezenas', pensava Drogo. 'Mas pa-rra quem, para que?'. O formalismo militar, naquele forte, parecia ter criado uma insana obra de arte. Centenas de homens guardando um desfiladeiro por onde ninguém passaria". (BUZZATI, 1984, p. 38)

Weber tinha consciência da irracionalidade' contida em germe no processo de racionalização das relações sociais, porém, não acredita em superação justamente pelo fato de abstrair de sua análise e-lementos explicativos de ordem estrutural.

Com efeito, mais do que uma reflexão socioló-gica sobre o fenômeno da burocracia, Weber nos dei-xa uma reflexão existencial sobre a sociedade moder-na, em que observa a influência de Marx, com cuja sombra trava permanente diálogo, e também de Niets-che, em sua revolta contra o homem fragmentado, e po-deríamos até dizer da vida subordinada à razão e não

o contrário.

Na "Ética Protestante e o Espírito do Capita-lismo" vemos sua reflexão sobre o capitalismo en-quanto condutor da racionalidade em um processo que ocorre paralelo ao de dessacralização (do qual o pró-prio Weber é produto enquanto pensador), ou seja, de "eliminação da magia do mundo". A "solidão interna" do puritano diante de um destino traçado na Eterni-dade, que Weber destaca, muda de feição e transpor-ta-se para a situação do indivíduo solitário cujo destino é determinado por uma sociedade racional e por organizações burocráticas das quais não pode es-capar.

A dessacralização na verdade assume nova for-ma: a magia é substituída pela ciência e pela téc-nica, erigida em arcana imperií do Estado e reli-gião da sociedade, caracterizando assim a modernidade que em Weber irá associar-se a alienação e raciona-lização, enquanto processo paralelos, envolvendo to-das as relações sociais e não apenas as capitalis-tas. O ethos da "conduta racional baseada na idéia da vocação" irá envolver toda a cultura moderna, se-gundo Weber. Que recorrendo a Goethe destaca que o trabalhador tomará lugar do homem faustiano, do ho-mem integral, cujos representantes típicos estavam na alta burguesia a qual Weber pertencia e era exemplo enquanto intelectual de saber enciclopédico.

A revolta de Weber, como a de Nietzsche é quan-to a massificação e vulgaridade e mediocridade que envolve a todos de modo inelutável. Esse processo leva o homem a perda de identidade, em favor de relações que se objetivam visando sempre o atingi-mento de algum fim, racionalizadas, tema que foi brilhantemente abordado por Musil na literatura, on-de os grandes heróis, os homens faustianos de Weber cedem lugar aos heróis coletivos e anônimos:

"Talvez seja exatamente o pequeno burguês que prevê o começo de um heroísmo coletivo, de formigueiro, extraordinariamente novo. Vão chamá-lo de heroísmo racionalizado, e achar tudo muito bonito" (MUSIL, 1989, p. 12)

A ciência é o sagrado hoje, o coletivo em lugar do indivíduo, o especialista em lugar do enciclopédico, tudo com formas muito mais sutis, e portanto inescapáveis, de alienação.

Restará ao mundo uma saída? Weber não respondeu, apenas eu diria que com desespero concluiu:

"Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou seja, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas - a eventualidade de de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação. Nesse caso, os 'últimos homens' desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como 'especialistas sem espírito', 'sensualistas sem coração', nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado" (WEBER, 1987, p. 131)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEENTHAM, David. A Burocracia. Lisboa, Estampa, 1987.
- BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo, Cia das Letras, 1986.
- BUZZATI, Dino. O Deserto dos tártaros. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- COHN, Gabriel. Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.
- EISENSTADT, S.N. Max Weber: on charisma and institution building. Chicago, University of Chicago, 1968.
- LOEWITH, Karl. Racionalização e liberdade; o sentido da ação social. In: FORACCHI, Maria A.M. & MARTINS, José de S. Sociologia e Sociedade. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1988.
- MARX, Karl. Crítica à Filosofia do direito de Hegel. 2. ed. Lisboa, Presença, 1983.
- MAYER, J.P. Max Weber e a Política alemã. Brasília, Universidade de Brasília, 1985.
- MUSIL, Robert. O Homem sem qualidades. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- FRAGTENBERG, Maurício. Burocracia e Ideologia. São Paulo, Ática, 1974.
- WEBER, Max. Economia y Sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1984.
- _____. Ensaio de Sociologia. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.
- _____. A Ética protestante e o espírito de capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1987.

. Parlamentarismo e Governo em uma Alemanha reconstruída. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1980.

CATOLICISMO, CULTOS MEDIÚNICOS

E SINCRETISMO*

Raymundo Heraldo MAUÉS
Departamento de História e
Antropologia e Núcleo de Altos
Estudos Amazônicos da
UFPA.

RESUMO: Partindo de um estudo de caso, tenta-se compreender o sincretismo a partir de dois níveis de reflexão distintos: de um lado, a dimensão que se coloca a nível dos sistemas religiosos vistos como conjuntos mais ou menos integrados; e de outro, a que se põe ao nível dos agentes da crença e da prática religiosa. A isso se integram mais duas dimensões para a análise: a dominação, considerando a posição hegemônica do catolicismo na área em estudo; e a identidade religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo, Sincretismo, Xamanismo, Mediunidade.

CATHOLICISM, CULT MEDIUMS, AND SYNCRETISM

ABSTRACT: Employing, at the outset a case study, an attempt is made to comprehend syncretism from two distinct reflectional levels: on one hand, the dimension located at the level of religious systems seen as reflecting relatively integrated sets; and on the other as situated at the level of the agents of belief and religious practice. To these, two more dimensions are interwoven within the analyses: domination, taking into account the hegemonical position of catholicism in this field of study, together with religious identity.

KEY WORDS: Catholicism, Syncretism, Shamanism, Spiritual Mediums.

* Trabalho apresentado durante a 17ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Florianópolis/SC, de 08 a 11 de abril de 1990.